

SAÚDE EM PAUTA

MUITO ALÉM DA ARTETERAPIA, A ARTE NA MEDICINA

*Georgia Dunes **

Bastante badalada e de grande valia é a inserção de arte no tratamento de pacientes psiquiátricos. Nós, brasileiros, carregamos com orgulho o título de pioneiros neste recurso terapêutico dentro da América Latina desde que a grande psiquiatra de reconhecimento mundial, Dra. Nise da Silveira (1905-1999), criou em 1956, em Botafogo, Rio de Janeiro, a revolucionária Casa das Palmeiras. A reabilitação de pacientes em um território livre, com relações humanas afetivas e de atividades criadoras como a própria Dr. Nise afirmava, contaminou o mundo. A artista plástica modernista e performática Lygia Clark (1920-1988) introduziu seus “Objetos Sensoriais” (1966-67) no Centro Psiquiátrico Pedro 2º na Zona Norte desta mesma cidade e manifestações como esta ocorrem anonimamente desde então.

Todavia, quase todas às vezes que trabalhamos na ideia da conjunção entre arte e medicina, somente a arteterapia aparece como de conhecimento não apenas do público em geral, mas também dentro da comunidade científica.

A atualíssima artista plástica britânica Sophie Oliveira Barata, diminuindo a carga de vitimização cotidiana de amputados, cria próteses extremamente realistas com traços personalizados para estes pacientes que superam suas deficiências biológicas e tomam ares biônicos a partir deste trabalho digno de aplausos.

O que se dizer então sobre a artista americana Anna Coleman Ladd (1881-1950)? Esta, educada na Europa, fabricou, com revestimento galvanizado pintado à mão, mais de 2.000 máscaras para veteranos da Primeira Guerra Mundial que ficaram permanentemente desfigurados, parcial ou totalmente. Neste trabalho minucioso, habilidoso e amoroso foi capaz de devolver a autoestima a estas vítimas que tiveram a normalidade de volta aos seus rostos mutilados.

Não podemos deixar de citar também a importância da arte para registro da história da medicina e da ciência. São infinitos exemplos: tem-se a prática da trepanação utilizada para que o mal pudesse deixar o corpo do paciente adoecido e representada em “A Extração da Pedra da Loucura” (1475-1780) – H. Bosch (1450-1516), o limitado conhecimento anatômico à época do desenho “O Coito” (1492) - Leonardo da Vinci (1452-1519) que evidencia uma artéria ligando o útero a mama feminina para fins de levar o sangue poupado pela ausência de menstruação durante a gestação à mama para posterior conversão em leite para a amamentação, ou mesmo o registro da postulação da teoria da relatividade do tempo por Einstein (1879-1955) registrada na obra contemporânea ao cientista, “A Persistência da Memória” (1931) de Salvador Dalí (1904-1989), onde um relógio derretendo faz menção a ideia de que o tempo pode mudar.

Por fim, mas não menos importante, a conjunção arte e medicina se faz presente na educação médica em várias instituições no mundo inteiro assim como na UNIFESO como forma de trabalhar os aspectos humanísticos, aumentando a empatia tão necessária



**Fundação Educacional Serra dos Órgãos
Centro Universitário Serra dos Órgãos
Direção Acadêmica de Ciências da Saúde
Coordenação do Curso de Medicina**

a esta profissão. Que venham mais e mais manifestações e valorização desta importante conjunção interprofissional.

* Georgia Dunes, é professora do curso de Medicina do UNIFESO e autora do livro “O Paciente é um Artista Plástico” – Ed. Access, Rio de Janeiro, 2015.